

A QUEIXA DAS DAMAS¹

Marie de Gournay

Traduzido por Cinelli Tardioli Mesquita² e Martha Tremblay-Vilao³

Bendito és tu, leitor, se tu não pertences àquele sexo interdito de todos os bens, privando-lhe da liberdade e também de quase todas as virtudes, subtraindo-lhe as cargas, ofícios e funções públicas; em uma palavra, tirando-lhe o poder da moderação, do qual a maioria das virtudes se formam, a fim de lhe atribuir como única felicidade, como virtudes soberanas e únicas, a ignorância, a servidão e a faculdade de se fazer de bobo se este jogo lhe apraz.

Bendito, novamente, tu que podes ser sábio sem crime, tua qualidade de homem te concedendo, enquanto se priva às mulheres, toda ação de alto propósito, todo julgamento sublime e toda palavra de especulação requintada. Mas a fim de calar de vez as outras queixas deste sexo, que de maneira injusta é ordinariamente tratado, eu lhes suplico que, desde que ele esteja nas conferências, não seja tratado como intrometido. E eu sou tão pouco, ou para dizer melhor, tão gloriosa, que não temo confessar que eu o sei por minha própria experiência. Tendo as damas razões e meditações de Carnéades⁴, não há tão franzino que não lhes barre, com a aprovação da maioria dos assistentes, apenas com um sorriso, ou algum pequeno movimento de cabeça, sua eloquência muda dirá: “É uma mulher que fala!”

Tal recusa por qualquer tipo de resistência que elas possam ter contra as interrupções de seu julgamento, por discreta que a mulher se mostre, julgando seu discurso azedo e espinhoso; ou, no mínimo, teimoso. Seja porque ele não acredita que elas possam chocar sua preciosa cabeça por outra mola que aquela do azedume ou da

¹GOURNAY, Marie de. Grief des Dames. In: _____. *Égalité des hommes et des femmes suivi de Grief des Dames*. Édition établie par Claude Pinganaud et présentée par Séverine Auffret. Paris: Éditions Arléa, 2008, pp. 57-65.

² / UFPR e professora EBTT no IFSULDEMINAS

Contato: cinelli.tardioli@gmail.com

³ Mestre pela Université du Québec à Montréal. Contato: tremblayvilao.martha@gmail.com.

⁴Carnéades de Cirene (Cirene, 219-129 a. C.), fundador da Nova Academia (termo que designa a reforma da escola platônica). Cf. Montaigne, *Os Ensaios*, I, 26, “Da educação das crianças”: “E em minha época quantos homens vi embrutecidos por uma impetuosa avidez de ciência? Carnéades viu-se tão obcecado por ela que não tinha mais tempo para cuidar do cabelo e das unhas” e III, 11, “Dos Coxos”: “Carnéades havia superado os trabalhos de Hércules, por haver arrancado dos homens o consentimento, ou seja, a opinião e a temeridade de julgar”.

teimosia, seja porque, sentindo-se, no fundo do coração, mal afiado para o combate, é preciso que ele invente qualquer subterfúgio retórico a fim de fugir das pancadas. E não é invenção muito estúpida a de recusar categoricamente o encontro com alguns miolos que talvez lhe superariam.

Um outro, parando por fraqueza no meio do caminho, sob o pretexto de não querer importunar uma pessoa de vestido, será visto ao mesmo tempo como vitorioso e cortês. Um outro, ainda, mesmo que estime uma mulher capaz de sustentar uma disputa, não acredita que sua etiqueta lhe permita entrar num duelo legítimo com este espírito, porque ele tem a boa opinião do vulgo, o qual despreza o sexo a este ponto. É mais fácil, ao final das contas, levar pelo nariz alguém do vulgo do que admitir, de maneira vã, que ele leva a nós mesmos pelo nariz.

Sigamos.

Este, dizendo trinta bobagens, levará, entretanto, o prêmio por sua barba ou pelo orgulho de uma pretensa capacidade que a companhia e ele mesmo medem segundo as comodidades e sua moda, sem considerar que, frequentemente, elas surgiram por um ser mais palhaço ou mais lisonjeiro que seus companheiros, ou de alguma covarde submissão, ou outro vício, ou da boa graça e favor de tal pessoa que não daria lugar no seu coração, nem familiaridade a pessoas mais hábeis do que ele.

Aquele será surpreendido por não conseguir discernir o golpe apressado de uma mão feminina. E tal outro tanto o discerne e o sente, que, para enganá-lo, torna piada, ou um perpétuo disparo de conversa fiada o discurso, ou o deturpa e distrai fora do assunto. E se põe então a vomitar de modo pedante e com força belas coisas que nem lhe foram perguntadas ou, por tola ostentação, intriga-lhe e confunde com uma prosa lógica, pensando ofuscar seu antagonista pelos únicos raios de sua doutrina, de qualquer viés ou lustre que ele os apresenta.

Essas pessoas sabem o quanto é fácil aproveitar do ouvido do espectador, que não pode descobrir se esses galanteios são fuga ou vitória, por ele se encontrar muito raramente capaz de julgar a ordem e a condução de uma conferência e a força dos que a conduzem. O espectador é também facilmente deslumbrado frente ao brilho dessa ciência vã que uma vaidade presunçosa escarra, como se fosse questão de dar conta de suas lições.

Assim, para ganhar o prêmio, basta a esses senhores esquivarem-se do combate, colhendo toda a glória tanto quanto poupando qualquer labor. A arte da conversação em geral, com suas perfeições e defeitos já foi altamente desenvolvida e

aperfeiçoada nos *Ensaio*s⁵. Aqui o assunto é levado em consideração do ponto de vista especial das damas.

Reparemos neste discurso que não somente o vulgo dos letrados reclama contra o sexo feminino, mas que, no meio daqueles mesmos, vivos e mortos, que adquiriram algum nome de letrado em nosso século – às vezes oficialmente – conheceu-se quem desprezasse absolutamente as obras das mulheres sem sequer tentar se divertir procurando saber de qual estofa elas são feitas, nem buscar aproveitar de um aviso ou conselho que eles poderiam encontrar nas obras femininas, e nem quiseram primeiramente se informar se eles mesmos poderiam escrever algo que merecesse que todo tipo de mulher lesse. Isso me faz suspeitar que, lendo somente as escritas deles, os homens são guiados mais pela anatomia de suas barbas do que pela própria razão.

Esses traços de desprezo de tais doutores de bigode são, na verdade, fortemente cômodos, segundo o gosto popular, para reafirmar o brilho de sua sabedoria. Pois, para erguer-se na estima dos outros, o homem, besta de várias cabeças, sobretudo na corte, só precisa desprezar este e aquele, e jurar com convicção ser o *prime del monde*, seguindo o exemplo daquela pobre louca que tinha a certeza de ser um modelo de beleza gritando nas ruas de Paris: “Venham ver como eu sou bonita⁶!”.

Mas eu desejaria que essas pessoas tivessem a caridade de acrescentar apenas um traço de flexibilidade nisso: não de nos mostrar que o valor de seus espíritos ultrapassa em tudo cabeça por cabeça deste sexo; ou que, pelo menos, empata com aquele de seus vizinhos – eu falo mesmo dos vizinhos abaixo do último andar. Deste modo, não leríamos nos registros dessa tropa que escreve traduções infames – caso eles se exprimissem sobre um bom autor – concepções fracas e baixas no seu discurso, contradições frequentes, inúmeras quedas, um julgamento cego da escolha no andamento das coisas. Surgem assim obras temperadas com apenas um ligeiro brilho de linguagem sobre matérias roubadas: clara de ovo batido.

A propósito, eu encontrei a missiva preliminar de um personagem qualquer outro dia, um dos que nunca pretendem se divertir lendo uma obra feminina: meu Deus! Tantos diademas, tanta glória, tanto Oriente, esplendor e tanta Palestina procurada além do Monte Líbano! Meu Deus! Tantas páginas fragmentadas mostradas como fênix na

⁵Montaigne, *Ensaio*s, III, 8, “Da arte da conversação”: “O mais proveitoso e natural exercício de nosso espírito é, em minha opinião, a conferência [conversação]. Acho seu uso mais delicado do que qualquer outra ação de nossa vida; é a razão por que, se hoje eu fosse forçado a escolher, eu antes consentiria, creio eu, perder a vista do que a audição ou a fala”.

⁶Não se sabe a qual personagem Marie de Gournay faz alusão aqui.

opinião do mestre, e quão longe da beleza ficam aqueles que a buscam na inflamação e no exagero das palavras, particularmente na prosa! «Àqueles que foram dados um corpo franzino por natureza, disse um homem de alto merecimento, aumentam-no com enchimento; e aqueles que têm imaginação magra ou infértil a inflam de palavras⁷.»

Que vergonha, ainda, que a França veja de um olho tão turvo e de um julgamento tão duvidoso o merecimento dos escritores aos quais ela deu tão boa reputação, como o dono dessa missiva, que nunca teve qualidade recomendável fora o apoio desse brilho assistido por tal ciência escolástica! Eu nem o quero nomear, pois ele está morto⁸.

Finalmente, para voltar a desejar o bem ao meu próximo, eu também queria que alguns desse grupo de sábios ou escritores, desprezadores desse pobre sexo maltratado, parassem de usar as prensas, para, pelo menos, deixar-nos a liberdade de decidir se eles sabem ou não escrever um livro, pois eles nos exibem que não podem, compondo os livros deles graças ao labor alheio – digo, edificando-os detalhadamente e algumas vezes grosseiramente, receando que esse homem honesto⁹, que *Os Ensaíos* ridicularizam do mesmo vício na época de seu autor, ficasse sem companhia.

Se eu ousasse me esforçar para proteger as damas contra eles, eu encontraria logo ao meu lado Sócrates, Platão, Plutarco, Sêneca, Antístenes, ou ainda São Basílio, Santo Jerônimo, e tais espíritos que esses doutores contradizem e negam com tanta liberdade, quando diferenciam, de maneira universal, os méritos e as faculdades próprias a cada sexo. Mas eles se encontram já vencidos e punidos pela estupidez deles, condenando o particular pelo geral – ao conceder que o talento das mulheres seja de maneira geral inferior –, e também pela ousadia de desprezar o julgamento de personagens tão importantes como aqueles, sem falar dos modernos, ou o decreto eterno de Deus mesmo, que faz dos dois sexos uma única criação, e, mais adiante na história

⁷Na verdade, no capítulo 26 do primeiro livro dos Ensaíos (“Da educação das crianças”), Montaigne diz exatamente: “Os que têm o corpo franzino aumentam-no com enchimentos; os que têm a matéria minguada inflam-na com palavras”.

⁸O escritor do qual fala aqui Marie de Gournay não foi formalmente identificado. A edição Honoré Champion de suas *Obras Completas* (op. cit., página 1079, nota A) propõe o nome de Pierre Charron, “cujo *Tratado da sabedoria* conheceu um real sucesso”.

⁹O termo “honneste homme” na época de Montaigne referia-se ao homem culto e frequentador da corte; conhecedor da gramática, do latim, do grego e leitor dos textos clássicos. Mas em diversas passagens dos *Ensaíos*, Montaigne ridiculariza tal figura denunciando que ela era destemida em suas críticas, mas muito covarde para fazer algo original. Os conhecidos “homens honestos” de sua época eram, na concepção do filósofo, meros compiladores, deturpadores ou usurpadores da sabedoria alheia. Cf. Ensaíos 9, 14, 20 e 26 do primeiro livro, ensaios 12, 27 e 37 do segundo e ensaios 4, 5, 8, 9, 10, 11 e 13 do terceiro e último livro dos *Ensaíos*. (N. das T.)

santa, glorifica as mulheres de todos os dons e de todos os favores que os homens não de se beneficiar, assim como eu apresentei de maneira mais ampla na *Igualdade* deles e delas.

Além disso, aqueles deste estofo sofrerão certamente, se eles quiserem, as advertências de que se passará a duvidar da capacidade deles de superar as mulheres fora da soberana lei do bel prazer deles, que os condena e os confina dentro das limitações da incapacidade, ou que se apague a glória de seus esforços pelo desprezo que eles, com prazer, usam como arma. Aliás, conhecemos algumas mulheres que nunca se vangloriariam de tão pouca coisa que de apagá-los, nem de vez, nem por simples comparação ou vingança. Ainda mais, eles saberão que, com a mesma sutileza que procuram desprezar esse sexo sem escutá-lo nem ler os seus escritos, ele procura vingarse porque ouviu e leu os escritos que partiram de suas mãos. Eles poderão reter em suplício este lembrete perigoso de casa de boa família: que apenas os menos hábeis podem viver contentes com suas capacidades, olhando as do outro por detrás do ombro, e que a ignorância é mãe da vaidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOURNAY, Marie de. *Les advis ou Les présens de la demoiselle de Gournay*. (3e éd). Paris: T. Du Bray, 1641.

_____. *Égalité des hommes et des femmes suivi de Grief des Dames*. Édition établie par Claude Pinganaud et présentée par Séverine Auffret. Paris: Éditions Arléa, 2008.

MONTAIGNE, Michel de. *Les Essais*. Édition: Pierre Villey. Paris: P.U.F., 1965.